

Coleção LESTE

Aleksandr Púchkin

A DAMA DE ESPADAS

Prosa e poemas

Tradução

Boris Schnaiderman e Nelson Ascher

editora ■ 34

A DAMA DE ESPADAS
Prosa e poemas

Prefácio 7

PROSA

O negro de Pedro, o Grande 19
Dubróvski 61
A dama de espadas 151
O chefe da estação 183
O tiro 197
O fazedor de caixões 213
Kirdjali 221

POEMAS

O demônio 231
O semeador 232
A uva 233
O prosador e o poeta 234
Para *** 235
Alexandre I 237
Nicolau I 238
Para Viázemski 239
O profeta 240
Árion 242
Mensagem à Sibéria 243
“Dom inútil...” 244
Corvos 245
O antchar 246
O cavaleiro pobre 248
“Amei-te...” 251
Notas aos poemas 253

PREFÁCIO¹

Boris Schnaiderman

Aleksandr Serguêievitch Púchkin (1799-1837) foi um verdadeiro turbilhão que passou pela vida literária russa, com a clareza e fulgor de sua obra, suas guerras e duelos, um turbilhão que viveu tão pouco, mas imprimiu sua marca em tudo o que se faria depois na Rússia em poesia e literatura. O presente volume pretende apresentar uma amostra disso ao leitor brasileiro.

Aparecem aí alguns contos e novelas em minha tradução, que é reelaboração de edições anteriores: São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1962, com o nome de *O negro de Pedro, o Grande*, e São Paulo, Editora Max Limonad, 1982, com o título *A dama de espadas*. Outra obra importante de Púchkin em prosa, o seu romance *A filha do capitão*, existe numa tradução muito boa, igualmente do russo, de Helena Sprindys Nazario: São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.

Se Púchkin se expressou genialmente em poesia, a sua prosa, apesar do período reduzido em que a ela se dedicou com mais afinco, isto é, nos últimos anos de vida, marca também o início da grande literatura russa moderna. Nela expressou a riqueza interior do mundo russo, a ambiência social e psicológica, na mesma época em que estavam em início de desenvolvimento as obras romanescas de um Balzac e

¹ Foram retomadas aqui algumas formulações de meu artigo “O iniciador da literatura russa moderna”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, 5/4/1981.

um Stendhal. Sua obra representou uma grande renovação, ele foi sua figura de proa. Qualquer leitor russo percebe facilmente o sopro renovador da época, confrontando a obra de Púchkin e de seus companheiros de geração com o que se escrevia no país em meados do século XVIII.

“O negro de Pedro, o Grande”, escrita em 1827, é uma novela inacabada em que o autor pretendia narrar a vida de Aníbal, seu trisavô pela linha materna, que fora comprado no serralho do sultão em Constantinopla e dado de presente a Pedro, o Grande. Quem seria na verdade este seu trisavô? No texto da novela, ele aparece como negro, e em mais de uma ocasião, Púchkin se referiu com orgulho às suas raízes africanas. Era o mesmo orgulho com que se referia à linhagem paterna, os seus “seiscentos anos de nobreza”, e que está presente em muitas páginas da história russa.

No seu romance em versos *Ievguêni Oniéguin*, onde há frequentes digressões do autor com referências autobiográficas, ele sonha com a liberdade de viajar (“Chegará a hora de minha liberdade?”, cap. I, estrofe L) e, um dia, “sob o céu de minha África/ Suspirar pela Rússia penumbrosa” (politicamente suspeito, Púchkin não podia deixar o país).

Segundo D. S. Mirsky, autor nascido na Rússia e que escreveu sobretudo em inglês, ele era filho de um rei insignificante (“petty king”) de uma tribo etíope do norte da Abissínia.² Aliás, é uma versão muito difundida, essa de que Púchkin não seria descendente de negros. O próprio Mirsky traduz o título da novela inacabada como “The Moor of Peter the Great”. Numa tradução inglesa desse texto, o título é “The Arab of Peter the Great”. Ora, no caso, a tendência de atribuir a Púchkin origem que não fosse negra, ligou-se evidentemente a uma “condensação linguística”: o título em russo é “Aráp Pietrá Vielíkovo”, sendo “aráp” o nome que designava

² D. S. Mirsky, *Pushkin*, Nova York, Haskell House, 1974.

os negros criados na Rússia (considerava-se o suprassumo do chique, para uma família da nobreza, ter em casa um negro; isto aparece, por exemplo, na iconografia do século XVIII); e “aráb”, que significa árabe, pronuncia-se como “aráp”.

O menino foi admitido ao islamismo, com o nome de Ibraim (Ibraguim para os russos) e, depois, batizado por Pedro como grego-ortodoxo. Passaram a chamá-lo de Abram (isto é, Abraão), e ele assumiria depois o sobrenome de Ganíbal (Aníbal). Segundo se constatou por pesquisas recentes, Pedro chegou a registrá-lo como Piotr Pietróvitch Pietróv, nome absolutamente inviável para um negro na Rússia.

Um pesquisador do Benin, Dieudonné Gnamankou,³ conseguiu dados completamente novos, que desmentem a versão da origem abissínia de Púchkin e permitem dar maior crédito ao poeta, quando este se orgulha de seu sangue negro. Aliás, seus retratos sugerem isto igualmente. Dieudonné pesquisou em arquivos russos e descobriu um documento do próprio punho de Abraão Aníbal, que afirma a sua origem no antigo Sudão Central, ao sul do lago Tchad e ao norte de Camarões.

O certo é que este africano teve um destino glorioso. Corresponde à realidade biográfica o que Púchkin nos diz sobre seus estudos na França e a participação na Guerra da Sucessão Espanhola, nas fileiras do exército francês. Já outros fatos narrados são pura realidade ficcional.

Sua carreira foi muito acidentada, inclusive com um período de ostracismo, quando foi enviado para um cargo na Sibéria, mas, com a ascensão de Ana Pietrovna ao trono, voltou às boas graças da corte, tornando-se o principal engenheiro militar do exército russo. Homem de grande cultura, foi também autor de importantes obras técnicas.

³ Dieudonné Gnamankou, *Abraham Hanibal: l'aïeul noir de Pouchkine*, Paris/Dakar, Présence Africaine, 1996.

No entanto, estas suas realizações não chegaram a ser narradas por Púchkin, que publicou em vida apenas trechos da novela, deixando-a inacabada e sem título, que foi dado pelos seus primeiros editores, em 1837, pouco após a morte do poeta.

Michel Niqueux, que resenhou o livro de Dieudonné Gnamankou,⁴ atribui a versão consagrada sobre a origem abissínia de Púchkin ao antropólogo D. N. Anútchin, que, imbuído de preconceitos racistas, não podia conceber que um negro desempenhasse papel tão importante e fosse um antecessor direto do poeta nacional dos russos.

A novela “Dubróvski” foi encontrada entre os papéis de Púchkin e, ao que parece, não chegou a ser concluída.

Ela é bem característica da relação do poeta com o romantismo. Se por um lado ele sofreu inegavelmente o seu impacto, por outro lado certa desconfiança e um espírito crítico exacerbado impediam uma identificação completa.

Tem-se nessa novela um argumento bem romântico, aquele Robin Hood russo está bem no espírito do que se escrevia na época sobre os bandoleiros sentimentais e generosos, mas, ao mesmo tempo, os pormenores satíricos e bem terra a terra rompem a identificação com um clima romântico. E como em outras obras de Púchkin, o elemento cômico frequentemente irrompe em meio a uma tragédia. Assim, num dos momentos culminantes, aparece um médico que aplica sangria, sanguessugas e cantáridas (um afrodisíaco!) para curar um estado de depressão, e o narrador comenta: “[...] ainda bem que não era de todo um ignorante”.

Na mesma novela, o episódio do incêndio em casa de Dubróvski é bem significativo: o ferreiro Arkhip trancou a porta da casa incendiada, a fim de não escaparem dela os funcionários ali instalados e, no entanto, arrisca a vida para sal-

⁴ Michel Niqueux, em *La Revue Russe*, Paris, nº 11, 1997.

var um gato sobre o telhado em chamas. Deste modo, aparece em Púchkin uma compreensão da complexidade dos caracteres humanos que já prenuncia Dostoiévski.

Há passagens que revelam uma ousadia no escrever completamente inusitada na época. O segundo capítulo contém uma cópia do protocolo autêntico de um processo judicial no interior da Rússia. Púchkin simplesmente colou uma cópia no seu texto, modificando apenas os nomes dos protagonistas. Escrita em péssimo estilo, com muitas repetições e erros de sintaxe, e ao mesmo tempo um tom elevado, solene, burocrático e cartorial, foi substituída na minha primeira tradução por um simples resumo. Em lugar deste, já na segunda edição, procurei recriar esta verdadeira colagem de Púchkin, realizada na década de 1830. Houve, portanto, um intervalo de quase vinte anos, antes que o tradutor se identificasse plenamente com esta ousadia do poeta (para compreendê-la melhor, foi necessária uma aproximação com as obras de vanguarda deste século).

“A dama de espadas” lembra muito os contos de E. T. A. Hoffmann, mas, ao mesmo tempo, como é forte ali a marca do autor! Tem-se deste modo um dos momentos em que se realiza melhor esta sua capacidade de unir os grandes temas humanos a um tom galhofeiro.

Aliás, o poeta parece indicar intencionalmente a sua ligação com o universo alemão do século XVIII e início do século XIX. Mas o tema do dinheiro, do capitalismo em ascensão, que se tornaria tão forte em Balzac, já aparece aí com intensidade. A própria ideia central de *Crime e castigo* está certamente esboçada nessa novela (apesar da diferença essencial entre o Hermann de Púchkin e Raskólnikov), inclusive com as alusões a Napoleão.

A tradução da epígrafe foi substituída, na segunda edição, por uma de Haroldo de Campos, publicada primeiramente com o meu artigo “*Hybris* da tradução, *hybris* da análise”, aparecido no número 57 da revista *Colóquio/Letras*,

Lisboa, setembro de 1980, no qual procedi a uma análise minuciosa dessa epígrafe.

“O chefe da estação”, “O tiro” e “O fazedor de caixões” fazem parte de um livro chamado *Novelas do falecido Ivan Pietróvitch Biélkin*, onde aparecem três heterônimos de Púchkin: o suposto editor dos textos, designado pelas iniciais A. P., um amigo de Biélkin, que dá informações por escrito sobre sua biografia, e este último, o suposto autor.

Cada um deles tem um tom peculiar. O editor revela preocupação informativa e um desejo de objetividade, sem maior pretensão a brilho literário. Além de uma curta introdução à carta do informante e de uma rápida conclusão do prefácio, escreve duas notas sucintas, precisando pormenores do manuscrito. O informante, cuja assinatura se omite, escreve de um jeito algo solene, utilizando com frequência termos burocráticos, e isso contrasta com a narração de alguns fatos do cotidiano completamente ridículos. Já o próprio Biélkin é um homem muito sensível e, ao mesmo tempo, irônico, e cujo tom mais se aproxima da escrita de Púchkin.

“O chefe da estação” é apontado frequentemente como um dos pontos de partida da assim chamada escola natural russa, que se caracterizou por uma penetração na problemática do homem do povo. Se Gógol é considerado geralmente como o seu iniciador, sobretudo com “O capote”, é inegável que alguns de seus elementos já aparecem nesse conto de Púchkin. Aliás, o grande ensaísta V. V. Rózanov afirmou que este seria o seu verdadeiro ponto de partida, e que, na realidade, seria mais correto afirmar o seguinte: o que se inicia com Gógol é a perda do senso de realidade na sociedade russa.⁵

Em “O tiro” temos uma construção impecável da narrativa, onde as personagens se articulam em torno de um episódio que reproduz uma passagem da biografia do próprio

⁵ V. V. Rózanov, *O Gógole* (Sobre Gógol), publicado na Rússia em 1906. Edição em fac-símile: Herts, Inglaterra, I. Etchworth, 1970.

Púchkin: em 1822, ele participou de um duelo em que o primeiro tiro coube a seu opositor; enquanto este se posicionava para atirar, o poeta ficou comendo calmamente cerejas; depois do fracasso do inimigo e chegada sua vez, recusou-se a atirar e deixou o campo sem fazer as pazes.

“Kirdjali” resultou de sua vivência na Bessarábia, onde esteve em residência forçada no início da década de 1820. O contato com o mundo meridional acrescentou à obra de Púchkin um colorido e vivacidade que aparecem em muitos poemas e também nesse conto.

Na realidade, o poeta era o espírito agudo por excelência, que penetrava no discurso das épocas e dos países mais diversos. Isto foi sublinhado particularmente por Dostoiévski no famoso discurso por ocasião da inauguração do monumento a Púchkin numa das praças principais de Moscou. Segundo o romancista, ele representaria a missão específica da Rússia: assimilar tudo o que os demais povos produziram e devolvê-lo ao mundo sob uma luz autêntica. (Dostoiévski considerava Tatiana, do romance em versos *Ievguêni Oniéguin*, a personagem feminina mais realizada da literatura russa, e também não foi por acaso que um poema curto de Púchkin, “O cavaleiro pobre”, constituiu um elemento importante na construção do personagem central de *O idiota*.)

Menos messiânico na concepção geral, pelo menos neste caso específico, isto é, em relação a Púchkin, Gógol em seu malsinado livro *Trechos escolhidos de correspondência com amigos*, que hoje pouca gente lê, e que está marcado por acentuado reacionarismo e certa retórica inflada, mas que igualmente contém verdadeiros lampejos de genialidade, já percebia em Púchkin esta capacidade extraordinária de nos dar o máximo da cultura e da tradição tanto da Rússia como dos povos cuja literatura conheceu. Segundo Gógol, cada poeta nos transmite na obra sua própria personalidade, somente Púchkin é aquele em que tudo ecoa e que só nos dá, depois disso, o eco de si mesmo.

Eis como Gógol explica a transição de Púchkin do verso para a prosa e o fato de que esta seja tão diferente de muita prosa de poeta: ela é o oposto do verso, em lugar de estar contaminada por este. Para comprovar a exatidão desta opinião expressa por Gógol, basta comparar a prosa de Púchkin e a de outro poeta russo, M. I. Liérmontov,⁶ cuja obra estava em desenvolvimento quando o primeiro foi morto em duelo. Na verdade, a prosa é que contamina os versos de Púchkin nos últimos anos, e o autor de *Ievguêni Oniéguin* estava bem cômico disso. Eis, por exemplo, como Ievguêni se refere à jovem por quem o seu amigo Lênski estava começando a apaixonar-se: “Nos traços de Olga não há vida,/ Igualzinha à Madona de Van Dyck,/ É redonda, de cara vermelha,/ Como esta lua estúpida/ Sobre este estúpido firmamento”. E no poema narrativo “O conde Núlin”, encontram-se os famosos versos: “Nos últimos dias de setembro,/ Falando em desprezível prosa [...]”. Está claro que, em ambos os casos, a tradução fez predominar ainda mais as características de prosa.

Gógol acrescenta ainda: “Ele abandonou os versos unicamente para que nada o desviasse do caminho, a fim de ser mais simples nas descrições, e mesmo a prosa ele simplificou a tal ponto que o público até não achou nenhum mérito em suas primeiras novelas. Púchkin ficou contente com isso e escreveu *A filha do capitão*, decididamente a melhor obra russa do gênero narrativo. Em comparação com *A filha do capitão*, todos os nossos romances e novelas parecem diluídos e melosos. A limpidez e naturalidade atingiram nela um nível tão elevado que a própria realidade parece diante dela artificial e caricaturada”.

A presente coletânea contém, ainda, várias traduções da poesia de Púchkin, realizadas por Nelson Ascher, em colabo-

⁶ Seu único romance já foi publicado no Brasil: Mikhail Liérmontov, *O herói do nosso tempo*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1988, tradução de Paulo Bezerra (reedição: São Paulo, Martins Fontes, 1999).

ração comigo. No entanto, cabe-lhe todo o mérito da elaboração poética em português.

A tradução baseou-se na edição das *Obras completas de Púchkin*, em dez volumes, realizada pela Academia de Ciências da U.R.S.S. em 1956-58, que foi também de grande ajuda na elaboração das notas.

Considero um privilégio, e que muito me alegra, a possibilidade de reformular uma tradução, pois temos sempre algo a descobrir numa grande obra (mesmo que não tenha sido concluída), como nos contos e novelas deste livro.